

O mal em Machado de Assis: Conto de escola

João Paulo Santos Silva

Mestrando em Letras/UFS (bolsa CAPES)

RESUMO

Este trabalho analisa a representação do mal em *Conto de escola*, de Machado de Assis, nas ações das personagens e no foco narrativo. Para tanto, partiremos de um instrumental teórico acerca do mal moral à compreensão desse conto: Passos (2009), Ricoeur (2000), Nunes (1989), Bataille (1989), Jeha (2007). Assim, o mal, visto sob o viés político-social, enseja essas leituras para elucidar a ficção machadiana, demonstrando como sua narrativa está permeada da problemática do mal moral na vida política e social.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis. Mal. Política.

ABSTRACT

This paper analyzes the representation of evil in *Conto de escola*, by Machado de Assis, in the actions of the characters and in the narrative focus. To do so, we will start from a theoretical instrument about moral evil to the understanding of this story: Passos (2009), Ricoeur (ca. 2000), Nunes (1989), Bataille (1989), Jeha (2007). Thus, the evil seen under the political-social bias provokes these readings to elucidate the Machadian fiction, demonstrating how the narrative is permeated with the problematic of moral evil in political and social life.

KEYWORDS: Machado de Assis. Evil. Politics.

O mal narrado

A discussão da representação do mal na ficção de Machado de Assis (1839-1908) tem sido objeto de estudo recente, solicitando ainda nossa atenção. A sua ficção da fase madura desenha o ser humano de modo pessimista, coadunando-se com a sua visão crítica e cética sobre o mundo. Essa concepção do ser humano, onde o mal se patenteia, está manifesta nas ações das personagens e no foco narrativo. Convém, nesse caso, um debruçar-se atento sobre esses elementos constitutivos da literatura.

O estudo do mal na literatura foi objeto de Bataille (1989), sendo ele imprescindível para a compreensão mais abrangente do objeto literário. A literatura, por representar o homem, insere naturalmente o mal que nele habita e conseqüentemente o estudo literário deve acompanhar a representação integral

desse homem, e incluir, em seu objeto de estudo, o mal. Bataille (1989, p. 10), afirma que “A literatura é comunicação. A comunicação impõe a lealdade: a moral rigorosa, neste aspecto, é dada a partir de complicitades no conhecimento do Mal, que estabelecem a comunicação intensa.” Disso se infere que a conduta moral estaria sobrepujada por um mal que teima por aparecer. E são justamente esses os meandros que interessam à ficção machadiana.

Nos contos, que, segundo alguns críticos, Machado realizou-se como escritor tão bem quanto nos romances, o mal surge correlacionado com os aspectos sociais, políticos e ideológicos que conformam o pensamento humano. Em *Conto de escola*, que pertence à coletânea *Várias Histórias* (1896), Machado de Assis retrata não só a rigidez da educação, como também o modo como se dão as relações entre esta e a vida social e política do Brasil de 1840. O período histórico em tela corresponde à crise da Regência e à questão da Maioridade de D. Pedro II, isto é, no momento em que o Brasil passaria a conhecer certa estabilidade política e social.

Uma vez que o estudo do mal na prosa machadiana é algo relativamente novo, exigem-se novas abordagens que procurem investigar como esse elemento aparece na obra. Por isso, pretendemos estudar a representação do mal no conto supracitado, bem como as possíveis relações que o enredo, sob esse viés, traça com a sociedade brasileira de meados do século XIX.

Com efeito, esse papel de reconhecer o mal pela literatura suscita a emergência de uma essência literária que evidenciaria as múltiplas facetas do ser humano. O mal, nesse caso, visto no conto como desvio de uma conduta, advém do comportamento das personagens. O eixo central do conto é a temática da corrupção: o filho de um professor rígido tem dificuldades no aprendizado e para resolver isso corrumpo Pilar, oferecendo-lhe uma moeda. Contudo, Curvelo, outro aluno, os delata para o professor, que os repreende.

É preciso assinalar que Pilar, o narrador-protagonista, não tem apreço pela educação, embora tenha facilidade no aprendizado. No entanto, mesmo assim ele vê a escola como uma brincadeira, a despeito de seu pai desejar-lhe um futuro promissor como comerciante. Entrevê-se desde o início que a narrativa está permeada de ironia:

A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira, do mês de maio — deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant’Ana, que não era então esse parque atual, construção de *gentleman*, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo (ASSIS, 1982, p. 191).

Na narrativa as ações das personagens bem como o foco narrativo adotado chamam a atenção para a análise da representação do mal, de modo que os narradores machadianos são marcados pelo distanciamento espaço-temporal daquilo que se narra. Assim, Pilar, o narrador-personagem, pinta a si mesmo: “Não era um menino de virtudes” (ASSIS, 1982, p. 192). A oscilação em saber onde iria brincar cede lugar à obrigação de ir à escola, reforçada pela lembrança de uma surra que recebera do pai, “um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante” (ASSIS, 1982, p. 191). A educação se apresenta no conto como algo extremamente rígido, um mal necessário à ascensão social e ao melhoramento do indivíduo para os padrões convencionados pela sociedade.

A sondagem do caráter do mal em Machado de Assis foi discutida por Passos (2009) em *O Mal e a Metamorfose em Machado de Assis* no qual traça um paralelo comparativo entre a ficção machadiana e as

personagens de Victor Hugo. Se neste haveria um mal natural, naquele o mal seria o produto da “função da interação entre gentes e, sobretudo, de cada qual consigo mesmo” (PASSOS, 2009, p. 60). A figura do narrador, pois, emerge nesse panorama como relevante:

Narradores de si, eles mesclam passado e presente, e insinuam versões de seu desenvolvimento que invariavelmente acabam implicando o outro. A perspectiva da narração se torna mais idiossincrática. A história do sujeito é tomada como modo de invocar o passado e reparar o eu. Assim, a nostalgia desloca o sentido de projeto para o futuro e a questão de como a vida foi vivida vem à tona, assumindo proeminência (2009 p. 64).

A nostalgia no caso de Pilar seria mostrar como se deu sua aprendizagem da corrupção e da delação, elementos que extrapolam o contexto escolar e alcançam a sociedade como um todo. A metamorfose, conforme Passos (2009), pode ser entendida como a moeda em *Conto de escola* – Pilar é denunciado por Curvelo por causa dessa moeda: “quando, então, a plena autonomia se converte em dano, e o dano do objeto amado é vivido como danação do próprio eu” (PASSOS, 2009, p. 65). Dessa forma, o mal surge como consequência do exercício da liberdade; a escolha de como agir das personagens traz a lume o mal radical, inclusive aquele imputado a terceiros (Curvelo).

Por conseguinte, o mal passa a ser concebido como interferência na vida alheia, negando-lhe autonomia. Logo, o mal radical vislumbra as fronteiras tênues dos padrões morais e de rigidez social. Mas, por outro lado, em *Conto de escola* todos de certa forma praticam algum mal – Pilar se deixa ser corrompido pela tentação da moeda; Raimundo sucumbe às dificuldades da aprendizagem e corrompe Pilar, compelindo-o a fazer sua lição de sintaxe; Curvelo os delata ao professor que, por sua vez, os pune com uma palmatória, símbolo da rigidez, de um mal que subjaz à educação da época. O mal estaria profundamente arraigado na maneira como se dão as relações humanas. Segundo Passos (2009, p. 70), “o mal, tomado como objeto que nos leva a pensar de modo diferente, exige um roteiro de pensamento, ação e sentido”.

O mal moral

Mas a problemática do conto talvez seja a evidenciação da existência da corrupção mesmo em ambiente educacional, o que aponta para a fragilidade do caráter humano independentemente da instituição. Pilar é corrompido por Raimundo para ensinar-lhe uma atividade proposta pelo professor Policarpo, que é extremamente rígido, ainda mais com seu filho, Raimundo. As figuras do professor e da palmatória estão, pois, revestidas de significado:

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as ideias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca (ASSIS, 1982, p. 193).

Nesse trecho vê-se que Policarpo representa uma educação arcaica e autoritária, o que poderia no remeter à representação do mal dentro do contexto escolar, donde surgem outros questionamentos: até que ponto essa educação teria relação com o insucesso da sociedade? A educação refletiria a situação política por que o Brasil vinha passando (a crise no fim da Regência, com várias rebeliões no país)? O esforço para buscar responder a essas questões pede ao leitor uma leitura mais aprofundada das entrelinhas machadianas.

As ações das personagens denunciam a fragilidade de seu caráter. Raimundo, filho do professor, é descrito como alguém que tinha dificuldades no aprendizado, o que explica o fato de ele ter que recorrer ao expediente do pagamento (“toma lá, dá cá”) a Pilar para este fazer sua atividade. Por outro lado, o par de personagens Pilar-Raimundo parece denotar uma antítese constituinte da vida nacional. Pilar era inteligente e másculo; Raimundo, fraco e lento na aprendizagem. Ademais, a delação de Curvelo emerge como algo malévolo, e aí percebe-se a mordacidade da crítica machadiana e de sua constante relativização dos valores humanos: ninguém escaparia da natureza malévola humana.

Visto de outro ângulo, o papel desempenhado por Curvelo na narrativa sobressai não apenas como delator, mas sim como aquele que acusa. “Esse Curvelo era um pouco levado do diabo” (ASSIS, 1982, p. 192), assinala o narrador-personagem. A atuação diabólica dele seria a de acusar ambos os alunos ao professor Policarpo. Para as personagens envolvidas na corrupção da “venda da lição”, Curvelo representa, pois, uma faceta do mal, entendida como prejuízo a outrem: “por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma coisa?” (ASSIS, 1982, p. 195), indaga Pilar. Aí reside uma ironia, posto que Curvelo pratica um “mal” em prol de um “bem”. Nesse caso, a rigidez tanto do pai de Pilar quanto do pai de Raimundo justifica-se por esse bem maior, seja ele uma educação boa, seja ele a ascensão social.

Pilar é corrompido por Raimundo – trata-se de uma “troca de serviços”. A troca da lição por dinheiro é a síntese de uma estrutura do capitalismo; mas dá a tônica da corrupção: o sistema seria em si mesmo corrupto-corruptor. O mal passa a ser visto sob a ótica da “descoberta” – “se o mestre não visse nada, que mal havia?” (ASSIS, 1982, p. 193). Para Pilar, o “serviço” não era mau. Essa moeda de prata era mais para assegurar a eficiência da aprendizagem do que o favor em si:

O pobre-diabo contava com o favor, — mas queria assegurar-lhe a eficácia, e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como relíquia ou brinquedo; pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação.... Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma coisa, um cobre feio, grosso, azinhavrado... (ASSIS, 1982, p.193).

Se Pilar não tinha ressentimentos, tampouco tinha escrúpulos. O desfecho do conto aponta para a aprendizagem que se deu por um acontecimento na escola – a troca de uma cola por uma moeda. Há uma crítica ao sistema de ensino alienante (o professor não estava preocupado com os alunos, mas sim com a situação política do país com a crise da Regência). Assim, *Conto de escola* trata de uma maneira sutil de como se dá o “toma lá, dá cá” tão presente nas relações políticas e sociais do Brasil. Uma inofensiva “venda de cola” torna-se assim metáfora para o âmago da falência das instituições (a escola e a Regência) essenciais para o país desenvolver-se, ou pelo menos manter sua integridade.

Outrossim, a hesitação de Pilar – que queria, a princípio, recuperar a moeda e, a seguir, desiste para marchar, mas acaba na praia –, denuncia uma natureza que não se satisfaz com nada, contudo nem por isso deixa de ser inteligente, vívida. A inquietude de Pilar ante o contexto escolar revelaria a condição humana. Benedito Nunes (1989), no ensaio *Machado de Assis e a filosofia*, afirma:

Montaigne ensinou a Machado as motivações naturais das atitudes humanas; a essa primeira escola da skepsis, Pascal acrescentou o trágico da condição humana, inquieta e desconsolada, dividida e contraditória, em conflito consigo mesma, à procura de autossatisfação e encontrando o tédio, tendendo ao racional, mas desnorteada pela razão, impotente para distinguir o verdadeiro e o falso como entre o bem e o mal (NUNES, 1989, p. 7).

Por outro lado, as questões políticas são também assinaladas pelo narrador – a marcação temporal em maio de 1840 e a própria menção ao “fim da Regência, e que era grande a agitação pública” (ASSIS, 1982, p. 193) demonstram a discussão política que permeia o conto. Policarpo é caracterizado pela sua

postura política quando da leitura de jornais, chegando mesmo a abrandar suas correções aos alunos ao estar imerso na leitura dos jornais:

Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer. [...] E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais lendo com fogo, com indignação... (ASSIS, 1982, p. 193).

Portanto, há um ceticismo machadiano em torno das instituições sociais (políticas, educacionais), fruto do seu pessimismo. Dessa forma, o conto é uma espécie de autoanálise que pressupõe certa agudeza de observação. A conduta humana é vista como variável e, por conseguinte, os valores são relativizados. Nunes (1989) assinala esse aspecto tão marcante na narrativa machadiana: “O que prevalece na forma do discurso narrativo machadiano é o tom dubitativo - a esquiva e equivocada maneira de narrar, reticente e desconfiada, que também pode ser enganadora e enganosa, pondo em causa a própria capacidade de representação da realidade” (NUNES, 1989, p. 17).

Nesse caso, Machado traz para a própria estrutura narrativa a problemática da representação social tal como observou Schwarz no tocante ao “narrador volúvel” seria resultante da volubilidade social, no clássico da crítica machadiana *Um mestre na periferia do Capitalismo*. Além disso, buscando compreender Machado à luz das filosofias que ele discutiu, Nunes (1989) traça uma leitura que investiga os meandros dos valores sociais vistos sob a ótica pessimista e reveladora do Bruxo do Cosme Velho.

O mal transgressor

Conto de escola revela-nos o quão são escorregadias as normas de conduta na medida em que ilustra a sutileza dos valores éticos preconizados pela sociedade. Para a nossa leitura, importa destacar a descrença da ficção machadiana na filosofia para dar conta da natureza humana, que é complexa, e, por conseguinte, de abarcar a natureza do mal.

Nessa linha de raciocínio, segundo Jeha (2007), o mal é tido como enigma dado a sua complexidade. Sendo assim, “mal cometido e mal sofrido não são o mesmo, mas podem se tornar a mesma coisa” (JEHA, 2007, p. 9). As consequências do ato de Pilar exemplificam isso, já que a prática dele seria danosa porque antiética e resulta numa punição para ele mesmo. Ademais, há a corroboração de que “o mal é qualquer obstáculo que impede um ser de alcançar a perfeição que, não fosse isso, poderia atingir” (JEHA, 2007, p. 13).

Talvez essa seja a interpretação que Policarpo tenha do valor da imposição da educação punitiva. Ainda conforme Jeha (2007, p. 16), o mal moral “consiste na desordem da vontade humana, quando a volição se desvia da ordem moral livre e conscientemente”. O mal é, pois, transgressão de normas. Pilar e Raimundo são transgressores da norma escolar. Mais ainda: Policarpo também o é na medida em que se atenta mais às questões políticas do que ao ensino. A função representada por Policarpo parece refletir certa ordem requerida pelo mundo:

A coesão interna depende de uma visão de mundo comum, que diga àqueles afetados por ela que ‘as coisas são assim’ e não de outra maneira e ‘é assim que fazemos as coisas por aqui’. As fronteiras existem para manter medida e ordem; qualquer transgressão desses limites causa desconforto e requer que retornemos o mundo ao estado que consideramos ser o certo (JEHA, 2007, p. 20).

Por isso que Policarpo exacerba ao contornar a transgressão de Pilar e Raimundo; mas, para além disso, ele é o transgressor do processo de ensino-aprendizagem porque acredita que assim o mundo con-

virja para o padrão requerido pela sociedade. A forma como se dá a experiência do mal moral também foi discutida por Paul Ricoeur:

No rigor do termo, o mal moral – o pecado em linguagem religiosa – designa o que torna a ação humana objeto de imputação, de acusação e de repreensão. A imputação consiste em consignar a um sujeito responsável uma ação suscetível de apreciação moral. A acusação caracteriza a própria ação como violação do código ético dominante na comunidade considerada. A repreensão designa o juízo de condenação, em virtude do qual o autor da ação é declarado culpado e merece ser punido. É aqui que o mal moral interfere no sofrimento, na medida em que a punição é um sofrimento infligido (p. 23, ca. 2000).

Nessa definição vemos claramente o papel das personagens em *Conto de escola*. Pilar é o sujeito cuja ação é apreciada pela ótica ético-moral. A acusação promovida por Curvelo evidencia a ruptura de regras. Já a repressão de Policarpo denota o julgamento e a aplicação da punição, ensejando sofrimento tanto a Pilar quanto a Raimundo com a palmatória. Para além disso, Pilar comete e é acometido pelo mal: com o sofrimento da repressão, ele torna-se vítima. O caráter punitivo é, pois, o mal:

[...] a punição é um sofrimento físico e moral acrescentado ao mal moral, quer se trate do castigo corporal, de privação de liberdade, de vergonha, de remorso; por isso que se chama a culpabilidade de pena, termo que ultrapassa a fratura entre o mal cometido e o mal sofrido [...] (RICOEUR, ca. 2000, p. 24).

O castigo corporal e a vergonha sentidos por Pilar e por Raimundo demonstram esse mal complexo. Assim, Pilar é vítima e é culpado. Machado acaba corroborando a tese agostiniana de inexistência de um mal substancial, isto é, o mal em si. Mas mesmo assim o escritor sonda os meandros do mal, que não se resume às questões morais.

A escrita machadiana encerra, pois, a ambiguidade que perfaz a conduta humana e vislumbra, com isso, as complexas relações dos indivíduos inseridos numa sociedade também problemática. Esse olhar crítico permite ao autor trazer o leitor para o cerne da questão, bem como o coloca como elemento indissociável na reflexão sobre a sociedade, o mal e a literatura.

Conclusão

A fim de se tornar inteligível a natureza do mal, a relação entre este e sofrimento parece ser inegável, posto que o mal estaria no agir do indivíduo. A relação rígida de Policarpo para com os alunos mostra sua atitude diante do mal (que se manifestou pela conduta dos alunos), mas também o professor acaba sendo a personificação do mal para aqueles estudantes. Logo, Policarpo teria combatido o mal com o mal. O enredo permite também concluir que o próprio Curvelo infligiu mal aos seus colegas quando os delata.

Fica evidenciada uma relação entre mal e sofrimento, seja psicológico, seja físico. O que se percebe é a maestria com a qual Machado aborda a problemática da ética no contexto escolar, desferindo duras críticas ao sistema arcaico de ensino e tratando a escola como microcosmo de uma sociedade para a qual as noções éticas são maleáveis.

Mas, por outro lado, haveria na narrativa em questão uma passagem de um estudo mais inocente a outro mais profundo – Pilar recorda-se de como aprendeu de forma peculiar a corrupção e a delação, duas faces da mesma moeda. Assim, o mal é metamorfose, ruptura; trouxe conhecimento. Logo, há uma relativização do mal que permeia as personagens: afinal, quem é mau: Pilar, o corrompido; Raimundo, o corruptor; Curvelo, o delator; ou, ainda, o professor autoritário? Ou todos? Ou, ainda, ninguém? Parece que o conto pretende mostrar a diluição dos valores por um sistema que condiciona os comportamentos dos indivíduos. Assim, o conto requer uma leitura que aprofunde essa linha de raciocínio relativística.

Por tudo isso, o mal em *Conto de escola* acha-se, como vimos, diluído nas ações das personagens. Imersas num sistema corrupto e numa profunda crise política, elas são cooptadas pelo mal. Pilar se deixa corromper pela tentação de uma moeda, metáfora que denuncia o quão danoso é o capitalismo; Raimundo, representando o oprimido, não vê outra alternativa senão a compra da lição; já Policarpo traz consigo a repressão e as paixões políticas que o fazem deixar de lado as preocupações educacionais. Por fim, o delator Curvelo, do qual não sabemos o real motivo da delação. Teria sido por princípios éticos ou por inveja da moeda de Pilar? A abertura dessa discussão que o conto promove talvez seja para que o leitor reflita sobre essa problemática que afeta a sociedade brasileira.

Referências

- ASSIS, M. Conto de escola. In: BOSI *et al.* *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção escritores brasileiros: Antologia e Estudos, v. 1).
- BATAILLE, G. *A literatura e o mal*. Tradução de Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/bataille-g-a-literatura-e-o-mal.pdf>>. Acesso em: 03 dez 2016.
- JEHA, J. Monstros como metáforas do mal. In: _____. (org). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- NUNES, B. Machado de Assis e a filosofia. In: *Revista Travessia*, Florianópolis, n 19, 1989. ISSN 0101-9570. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17324/15894>>. Acesso em: 21 dez 2016.
- PASSOS, J. L. O Mal e a Metamorfose em Machado de Assis. In: *Luso-Brazilian Review* 46:1, Board of Regents of the University of Wisconsin System, 2009. ISSN 0024-7413. Disponível em <<http://www.jlpassos.com/ensaio/curto/omalmachado.pdf>>. Acesso em: 03 dez 2016.
- RICOEUR, P. *O Mal: um desafio à filosofia e à teologia*. Tradução de Maria da Piedade Eça de Almeida. Campinas: Papiros, [ca. 2000].
- SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do Capitalismo*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2008. (Coleção Espírito Crítico).

Recebido em 30/03/2017
Aprovado em 13/10/2017